



Cartografia das resistências ao extrativismo na América Latina e no Caribe

Roger Lucas Correa Martins ¹

Resumo

A resenha busca apresentar a recente pesquisa concluída pelo Grupo de Relações Internacionais e Sul Global (GRISUL) da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) sobre os impactos socioambientais do modelo de desenvolvimento extrativista que se coloca hegemonicamente na região latino americana. Com um total de nove mapas, a cartilha apresenta as diferentes clivagens que atravessam os conflitos gerados pelo modelo de desenvolvimento, chamando a atenção para suas consequências humanas e ambientais, assim como às diferentes alternativas levantadas pelos movimentos e comunidades que resistem ao avanço do extrativismo na região. A publicação está disponível gratuitamente em versão trilingue (português, espanhol e inglês) no site do GRISUL: <http://www.grisulunirio.com/pacha/>.

Palavras chave: America Latina, extrativismo, conflitos, resistências.

Cartografía de las resistencias al extractivismo en América Latina y el Caribe

Resumen

La reseña busca presentar la reciente investigación concluida por el Grupo de Relaciones Internacionales y Sur Global (GRISUL) de la Universidad Federal del Estado de Río de Janeiro (UNIRIO) sobre los impactos socioambientales del modelo de desarrollo extractivista que se plantea hegemonicamente en la región latinoamericana. Con un total de nueve mapas, la cartilla presenta los diferentes clivajes que atraviesan los conflictos generados por el modelo de desarrollo, llamando la atención sobre sus consecuencias humanas y ambientales, así como a las diferentes alternativas planteadas por los movimientos y comunidades que resisten el avance del extractivismo en la región. La publicación está disponible gratuitamente en versión trilingüe (portugués, español e inglés) en el sitio del GRISUL: <http://www.grisulunirio.com/pacha/>.

Palabras-clave: América Latina, extractivismo, conflictos, resistencias.

Cartography of the resistances to extractivism in Latin America and the Caribbean

Summary

The review aims to present the recent research done by the Group of International Relations and Global South (GRISUL) from the Federal University of the State of Rio de Janeiro

¹ Mestrando em Ciência Política no Instituto de Estudos Sociais e Políticos da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (IESP-UERJ), pesquisador do Grupo de Relações Internacionais e Sul Global (GRISUL) e do Laboratório de Análise Política Mundial (LABMUNDO).

(UNIRIO) about the social and environmental impacts of the extractivist model of development that stands hegemonically in the Latin American region. With a total of nine maps, the primer shows the different cleavages that traverse the conflicts promoted by the development model, calling attention to its human and environmental consequences, as to the different alternatives presented by the movements and communities that resist the advance of extractivism in the region. The publication is available for free in three languages (Portuguese, Spanish and English) on the GRISUL website: <http://www.grisulunirio.com/pacha/>.

Key words: Latin America, extractivism, conflicts, resistances.

Com este trabalho almejamos contribuir à compreensão da região, colocando em destaque as disputas de sentido pelo desenvolvimento, os conflitos gerados pelo extrativismo e as lutas e resistências das populações latino-americanas e caribenhas, ao passo que buscamos gerar análises que nos permitam construir horizontes emancipadores para todas/os as/os habitantes da região.

(ECHART e VILLARREAL, 2018, p.20)

Resultado de dois anos de pesquisa do Grupo de Relações Internacionais e Sul Global (GRISUL) da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), a cartilha *Pacha: Defendendo a Terra. Extrativismo, conflitos e alternativas na América Latina e no Caribe* apresenta, em poucas páginas, um trabalho cartográfico que busca responder perguntas como: por que o extrativismo se mantém como modelo predominante na região latino-americana? Por que a região é reconhecida como a mais perigosa no mundo para defensores da terra e ambientalistas, com o maior número de assassinatos dos mesmos em 2017 (de 197 no mundo, 116 foram na região)? Como as comunidades afetadas pelo extrativismo predatório resistem às injustiças, violações de direitos, deslocamentos forçados e assassinatos perpetrados pelos diferentes atores que lucram com a manutenção desse modelo, que prioriza a exploração dos recursos naturais e o crescimento econômico sem considerar os custos negativos desse processo? E quais alternativas existem ao extrativismo?

O mapeamento dos conflitos socioambientais, realizado a partir do portal Environmental Justice Atlas (Ejatlas), permitiu identificar e analisar 259 conflitos provocados pelo extrativismo, contrapondo diversos atores. Se por um lado se colocam os Estados, empresas nacionais e multinacionais e atores vinculados ao crime organizado, que promovem e sustentam o extrativismo, criminalizando e expulsando grupos afetados e que rejeitam os efeitos nocivos desse modelo, por outro encontram-se os diversos coletivos que resistem, dentre eles movimentos sociais e comunidades de atingidos, mulheres, indígenas e afrodescendentes, que defendendo suas formas de existência propõem alternativas ao modelo hegemônico. Entendendo o modelo extrativista e suas consequências como um processo de

caráter histórico e estrutural, os conflitos foram mapeados no período 1970-2018, mas fora de uma data exata, incluindo assim conflitos recentes e outros mais antigos, devido ao fato de muitos existirem há décadas, se modificando ao longo do tempo frente aos interesses e resistências postas.

As diferentes formas de violência cometidas pelos Estados, empresas e atores ligados ao crime organizado também podem ser categorizadas a partir da análise dos conflitos socioambientais resultado da expansão do modelo extrativista. Os impactos ao meio ambiente, os deslocamentos forçados de comunidades, a violência de gênero, o racismo, a marginalização de formas de existência junto a exclusão social e econômica e a criminalização são diferentes dimensões das violências sofridas pelos grupos atingidos pelos conflitos socioambientais derivados do extrativismo.

A pesquisa também mostra como diferentes dimensões de violência atravessam diversos conflitos concomitantemente, alimentando umas às outras. Os conflitos onde são ressaltados os impactos ambientais mostram como o meio ambiente está intrinsecamente conectado as formas de vida de comunidades locais, onde a destruição da terra e da água levam a destruição de suas formas de existência, de sua relação com a terra onde habitam e ao deslocamento forçado devido ao impacto em suas condições de subsistência. Os deslocamentos forçados evidenciam a constante ameaça as demarcações de terras de comunidades indígenas e de povos afrodescendentes, levando a expulsões e assassinatos. Em muitos casos, os impactos ambientais ou os deslocamentos reforçam a cultura patriarcal da América Latina e do Caribe, inviabilizando e marginalizando mulheres que tem papel primordial tanto na subsistência de comunidades quanto na luta e resistência contra projetos de extrativismo. Na maioria dos conflitos fica clara a relação estabelecida entre Estado e empresas, que reflete na institucionalização da violência através da criminalização de movimentos sociais e grupos atingidos, onde mulheres, afrodescendentes e indígenas muitas vezes se veem vulneráveis à legislação e a violência exercida por grupos privados com aval do Estado.

No entanto, seria injusto colocar os sujeitos que enfrentam esses diversos mecanismos de violência apenas como vítimas desse modelo de desenvolvimento em plena expansão na América Latina e no Caribe. Elas e eles se colocam como muito mais que isso. Constituem grupos de oposição e resistência, assim como questionam o modelo de desenvolvimento hegemônico desde sua gênese. São sujeitos ativos e não passivos. Esses grupos defendem alternativas e abordagens como o *Bom Viver* ou *Sumak Kawsay* que recuperam saberes tradicionais, que permitem formas de vida sustentáveis e que colocam as pessoas, seus interesses e bem-estar como principal objetivo de um projeto de desenvolvimento.

Embora sejam a minoria, alguns casos apresentam resultados positivos com decisões judiciais que apoiam a justiça ambiental, aplicação de regulações para proteger territórios e suas populações, referendos que forçam a paralização das atividades extrativistas, compensações, mudanças institucionais e legislativas favoráveis, realização de estudos de impacto ambiental, participação cidadã, criação de projetos alternativos e forte mobilização popular.

Assim, *Pacha: Defendendo a Terra. Extrativismo, conflitos e alternativas na América Latina e no Caribe* busca contribuir para uma maior compreensão sobre os modelos de desenvolvimento em disputa na região, as resistências levantadas ao modelo extrativista vigente e os conflitos socioambientais produzidos pelo embate entre os diferentes grupos e interesses que marcam essa disputa. Contando com um total de nove mapas, a cartilha apresenta um trabalho cartográfico que permite uma visão regional sobre o modelo hegemônico de desenvolvimento extrativista e suas consequências humanas e ambientais, convidando seus leitores a explorar análises e perspectivas que nos permitam imaginar formas diferentes de se desenvolver e se conectar com nossa mãe terra.

Referências

ECHART, Enara; VILLARREAL VILLAMAR, Maria del Carmen (orgs). *Pacha: Defendendo a Terra. Extrativismo, conflitos e alternativas na América Latina e no Caribe*. GRISUL/UNIRIO, Périplos, Rio de Janeiro, 2018.